

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
ENSINO SECUNDÁRIO

UNIDADE LETIVA 9

A comunidade dos crentes em Cristo

**Propostas de soluções para as atividades inseridas
no manual do aluno**

ÍNDICE

- 3 IGREJA, QUE DIZEM AS PESSOAS QUE ÉS?
 - 3 Proposta de atividade (p. 13)
- 4 IGREJA, O QUE DIZ A HISTÓRIA DE TI?
 - 4 Proposta de atividade (p. 21)
- 5 IGREJA, QUE DIZES DE TI MESMA?
 - 5 Proposta de atividade (p. 24)
- 5 CREIO NA IGREJA
 - 5 Proposta de atividade (p. 30)
- 6 A IGREJA É O POVO DE DEUS
 - 6 Proposta de atividade (p. 33)
- 7 UM POVO PROFÉTICO, SACERDOTAL E REAL
 - 7 Proposta de atividade (p. 36)
 - 8 Proposta de atividade (p. 39)
 - 9 Proposta de atividade (p. 43)
- 9 UM POVO TAMBÉM INFIEL
 - 9 Proposta de atividade (p. 47)
- 10 UM POVO PEREGRINO
 - 10 Proposta de atividade (p. 49)

IGREJA, QUE DIZEM AS PESSOAS QUE ÉS?

Proposta de atividade (p. 13)

1.1. Os dois caminhos são os seguintes: uma visão otimista e idealista da história da Igreja, fundado numa apologética ingênua, como exposta na página 11, que só olha para os momentos positivos da vida da Igreja e tenta desculpabilizar os momentos e os comportamentos negativos; o outro caminho é o da ostensiva oposição, a que reduz a história da Igreja a uma história criminal, reduzindo o Catolicismo a uma lista de erros ou crimes cometidos. Os dois caminhos são o da glorificação e o da suspeição.

1.2. Porque esquecem e iludem a dimensão histórica e humana da Igreja, sem a qual não existiria. Tal como não existiria o próprio acontecimento de Jesus. Além disso, a história da Igreja não é um caminho linear e orgânico, mas feito de avanços e recuos, erros e evoluções rápidas, etc. Finalmente, não procuram as causas que levam tantos a continuar no Catolicismo e a entregarem as suas vidas a esse projeto, apesar das deficiências da instituição e dos crentes.

1.3. Uma compreensão histórica e crítica, sincera e equitativa, que vê os erros e os aspetos positivos, de forma honesta e justa.

2. Os seus crimes históricos, a sua riqueza, as suas posições sobre moral sexual e combate à SIDA, o seu distanciamento em relação ao evangelho de Jesus...

3. Sobre o primeiro caso as respostas anteriores são credíveis. Em relação à questão da riqueza é importante referir que a Igreja atual herdou do passado esse património, sem preço, alvo de constantes estudos e preservações e que está ao serviço de todos aqueles que os queiram apreciar, como qualquer outro monumento laico. Além disso, muito desse património não deixa de estar ao serviço da vida da Igreja, nas suas celebrações e atividades pastorais. É importante referir os défices orçamentais do próprio Vaticano por causa dos custos com os meios de comunicação social, com os serviços centrais da Igreja, com o serviço às Igrejas mais necessitadas, etc. Além disso, também deve ser referido que a Igreja é a maior organização mundial de apoio à saúde, à pobreza, à velhice, etc. Em relação às questões da moral sexual, referir os diferentes serviços da Igreja de apoio a doentes com SIDA, as afirmações recentes de Bento XVI sobre o uso do preservativo e a mensagem da vivência do amor num quadro responsável, generoso e marcado pela radicalidade de Jesus.

4. Aspetos a destacar: a importância do continente americano no número de católicos, a expressão diminuta na Ásia, a estabilidade do números de católicos no mundo reveladora de alguma dificulda-

de de evangelização, nomeadamente na Europa e os números impressionantes do serviço social e educativo da Igreja.

5. São razões sociais, culturais e históricas. Por exemplo, o reconhecimento sincero do valor da mensagem de Jesus e da sua concretização na Igreja católica; a importância da vivência comunitária da fé...

IGREJA, O QUE DIZ A HISTÓRIA DE TI?

Proposta de atividade (p. 21)

1. «Estes erros têm um profundo sentido religioso e cristão, na medida que significam a misteriosa continuação da paixão de Jesus por parte da Igreja. Levam o cristão a reconhecer a sua própria situação: a de servo inútil e pecador (Lc17,10) que só se mantém fiel pela graça de Cristo; lembram ao cristão que, excetuando o núcleo essencial, a Igreja é também Igreja de pecadores»; «a Igreja encontrou sempre, muitas vezes nas situações mais difíceis, forças para se reformar e para levar os seus membros a renovadas formas de vivência religiosa e moral. Isto é um sinal evidente de que nela não age só a força humana, mas também a graça divina»; «a prova mais impressionante da divindade da Igreja está em que toda a pecaminosidade, debilidade e infidelidade dos seus próprios chefes e membros não conseguiram destruir a sua vida.»

2. A grande tentação da Igreja foi pensar que a redenção da humanidade se realiza definitivamente na história com o triunfo da Igreja, isto é, que era possível criar o reino de Deus, anunciado por Jesus, como um reino humano dirigido pela estrutura hierárquica da Igreja. E isto é contraditório com o Evangelho porque, parafraseando Jesus diante de Pilatos, o reino de Deus não é deste mundo, se fosse usaria as armas deste mundo, mas o reino de Jesus é o do serviço, da doação de vida, do amor e não um projeto político de poder. A história mostra que mesmo as melhores intenções acabam por sucumbir à natureza humana.

3. Por exemplo, o nascimento do franciscanismo no pontificado de Inocêncio III; o surgimento das grandes obras de arte sacra do Renascimento quando muitos membros da hierarquia da Igreja levavam uma vida pouco digna; em pleno movimento de Contrarreforma, o surgimento de figuras renovadoras como Santo Inácio de Loyola, Santa Teresa de Ávila, S. João da Cruz, S. João de Deus ou a evangelização do Japão e da Índia; em plenas guerras religiosas pela Europa fora, o frade Bartolomeu de las Casas defende os povos indígenas da América; durante a crise do papa Pio IX com os

movimentos de unificação italiana, surgem homens como Cura d'Ars, S. João Bosco e o Catolicismo é autorizado no Japão, depois de anos de perseguições; a perda de influência política da Igreja *versus* as importantes encíclicas de Leão XIII, *Immortale Dei*, onde declara a disposição da Igreja em ter boas relações com qualquer regime político e desafia os católicos a uma presença ativa na vida político-social, e a encíclica *Rerum Novarum*, primeira encíclica social na história da Igreja.

IGREJA, QUE DIZES DE TI MESMA?

Proposta de atividade (p. 24)

1. O mistério cristão é um apelo à relação, ao encontro com Jesus e com os outros. O mistério cristão é, então, um desafio à adesão a um projeto, lançado pelo próprio Deus: vivermos em comunidade para aí nos compreendermos e realizarmos. O mistério cristão é um projeto de vida e de vida com... A noção habitual de mistério é a de algo oculto e secreto que tenho de desvendar para entender, para dominar; algo de transcendente que tenho de alcançar pela razão e está bem escondido e cifrado para que ninguém conheça. A noção cristã não se refere a nenhum ato de poder nem de usurpação de algo transcendente. Pelo contrário, é a possibilidade de o crente se entregar confiadamente a uma relação com alguém e não com algo, com uma pessoa e não com uma equação ou um dogma, é um diálogo que ilumina a vida, o presente e o futuro.

2.1. A Igreja é um *Mysterium lunae* porque, tal como acontece com o luar, é um mistério que deriva de outro mais profundo: o mistério de Deus.

2.2. Especificidade do mistério da Igreja: plano de Deus sobre toda a humanidade; plano de comunhão para toda a humanidade; a união entre o aspeto histórico-social e o aspeto espiritual-divino.

CREIO NA IGREJA

Proposta de atividade (p. 30)

1. «Creio em Deus» (*credo in unum Deum*) é ir em direção a..., isto é entrega absoluta do próprio ser a Deus. «Creio na Igreja» (*credo ecclesiam*) significa acreditar nela como algo derivado, que vem de Deus, é confiar nela na medida em que é conduzida pelo Espírito de Deus. Trata-se de uma confiança e uma entrega relativa e derivada da fé incondicional em Deus.

2. Una, santa, católica e apostólica.

3. Ser **una** não quer dizer ser uniforme porque a comunhão faz-se da diversidade, a unidade implica a diversidade. Ser **católica** é ser aberta a todos as pessoas e culturas e não ser sectária, isto é, não se fechar aos outros sob o pretexto errado de que só os que pertencem ao grupo é que são os puros. Ser católica é não tolerar a divisão e a desigualdade. Ser **apostólica** é entender que a sua fé se baseia na fé transmitida pelos apóstolos que chegou até nós através de gerações de crentes. Ser apostólica é perceber que a fé não é um puro ato individual, porque somos sempre herdeiros da fé, do testemunho dos nossos antepassados e ainda porque a apostolicidade da nossa fé garante a sua comunhão com os outros crentes. Ser **santa** não quer dizer pura e sem pecado; significa que recebe de Deus tudo o que é. A santidade da Igreja não é uma pureza alcançada pelo mérito dos seus membros, mas dom gratuito e aperfeiçoador do seu Deus.

4. Nesta resposta é importante ouvir o conceito de santidade que o aluno tem. Há que confrontar essa definição com a ideia do texto em que se define a estrutura da Igreja como feita de santidade e pecado, na medida em que nela vivem homens e mulheres reais e não os ideais de um mundo e de uma Igreja imaginários, feitos de uma pureza absoluta e irreal.

5. A santidade pecadora da Igreja é consoladora porque assim todos temos lugar na Igreja que, seguindo Jesus, se senta com os pecadores, lhes oferece o perdão e os convida à comunhão consigo. Graças a esta santidade pecadora da Igreja ela se faz de Cristo e se abre a todos, incluindo a nós próprios, pecadores, para transformar o mundo, não condenando mas purificando, chamando, acolhendo, perdando e partilhando a condição de toda a humanidade.

A IGREJA É O POVO DE DEUS

Proposta de atividade (p. 33)

1. A afirmação pretende sublinhar a natureza comunitária e igualitária da Igreja. Sendo povo, a Igreja é uma realidade diversa e está inserida no meio dos povos para aí ser luz do mundo. Sendo povo, a Igreja é uma realidade em que todos os seus membros têm uma participação ativa e em comunhão, na diversidade de carismas e serviços à comunidade. O Concílio Vaticano II, ao falar em Povo de Deus, pretendeu superar uma visão estratificada da Igreja.

2. Seguindo a ordem dos parágrafos, as propostas, entre outras, poderiam ser: identificar a Igreja com o papa e os bispos; dizer-se cristão por uma questão de tradição familiar ou de cultura do país em que se nasceu; defender o primado da lei sobre a pessoa concreta, com a sua história peculiar; utilizar abusivamente o serviço paroquial com vista à visibilidade e vaidade pessoal; participar na eucaristia por mero hábito; estar na Igreja como simples instrumento de salvação pessoal; desvalorizar, em contexto paroquial, a opinião de um cristão, só porque não tem uma formação superior em Teologia ou por qualquer outro motivo não relevante; negar ou omitir os erros históricos da Igreja ao longo do seu percurso de dois mil anos; identificar a Igreja com um grupo de iluminados; afirmar que as honrarias públicas e os privilégios constituem «direitos» da Igreja.

3. Seguindo a ordem dos parágrafos, mais uma proposta entre muitas outras possíveis: ser Igreja é ser comunidade; ser Igreja é ser reconhecido pelo que se é; ser Igreja é ser chamado pessoalmente; ser Igreja é sentir-se implicado com os outros crentes; ser Igreja é responder afirmativamente, todos os dias, a um chamamento; ser Igreja é caminhar com os outros; ser Igreja é a concretização do lema «todos diferentes, todos iguais»; ser Igreja é caminhar na história da humanidade; ser Igreja é um compromisso com a salvação integral de todas as pessoas; ser Igreja é ser servidor da humanidade.

UM POVO PROFÉTICO, SACERDOTAL E REAL

Proposta de atividade (p. 36)

1. Pelo batismo, todos os membros da Igreja participam do sacerdócio de Jesus Cristo na medida em que são chamados na sua vida quotidiana a viverem em união com Cristo e a fazer dela uma verdadeira entrega a Deus nos outros e pelos outros. Pelo batismo, todo o cristão é chamado a fazer da sua vida um autêntico serviço a Deus e aos irmãos.

2. Para tornar visível aquela mediação e a aquela ação de Jesus no mundo. O sacerdócio ministerial torna visível a presença de Jesus na sua Igreja. Além disso, o sacerdócio ministerial é também necessário pelo seu serviço sacramental e coordenador.

3. O que se pretende é que o aluno por um desenho esquemático (por exemplo, círculos concêntricos de diferentes dimensões), ou por um mapa conceptual, mostre como o sacerdócio ministerial nasce dentro do sacerdócio comum, nunca deixa de o ser e está ao serviço desse sacerdócio.

4. O sacerdócio ministerial depende do sacerdócio comum porque nasce dele, sem ele o ministro não vivia uma união real, pessoal e existencial com Cristo. Além disso, sem o sacerdócio comum dos fiéis, isto é, sem os fiéis, o sacerdócio ministerial não teria sentido nem utilidade porque a sua missão é estar ao serviço dos fiéis. O sacerdócio comum necessita do ministerial porque necessita de mediação, da presença visível de Jesus e da sua dádiva nos diferentes sacramentos.

5. A função da hierarquia é a de servir o povo de Deus, como mediadora de Jesus em tudo o que dele vem: a graça transformadora e salvífica, visualizada simbólica e efetivamente nos sacramentos que o ministro celebra em nome de Jesus. Este serviço é em ordem aos crentes e aos não crentes porque para todos se derrama o Espírito de Jesus Cristo.

Proposta de atividade (p. 39)

1. Pelo exemplo de vida e pela palavra, tanto na vida familiar, como na vida profissional, social ou eclesial, o cristão é chamado a tornar presente a palavra e a ação de Jesus, a denunciar tudo o que coloque em causa a dignidade do ser humano, a anunciar a esperança de quem se sabe amado por Deus, a proclamar a necessidade da conversão, a lutar contra todo o tipo de pecado, etc.

2. Consiste em ser fiel a Jesus Cristo e à sua palavra, tornando audível a sua voz no mundo. A principal função do magistério é a de garantir a fidelidade a Cristo nas vozes proféticas da Igreja e zelar para que esta palavra seja o grande fator de unidade entre os membros da Igreja.

3.1. No Novo Testamento, os profetas eram pregadores da Palavra que iluminavam o caminho da comunidade; não eram escolhidos pela comunidade, mas pelo Espírito, sendo em número limitado dentro de cada comunidade; agem sob a autoridade dos apóstolos; o seu testemunho é autêntico na medida em que se refere a Cristo e edifica a comunidade.

3.2. Uma organização insípida, bem organizada, mas sem a força original e transformadora do Espírito, porque tudo está previsto e estabelecido burocraticamente.

3.3. Será uma Igreja incomodada, colocada diante de problemas inesperados, impelida pelo Espírito de Deus e, por isso, em permanente renovação e em busca de novos caminhos de serviço à humanidade.

Proposta de atividade (p. 43)

1. Os leigos devem empenhar-se nos seus deveres temporais inspirando-os com os valores cristãos, renunciando ao divórcio entre a fé que professam e o seu comportamento diário. Os leigos nas suas tarefas quotidianas devem procurar ser competentes, cooperadores e imprimirem na sua ação uma marca distintiva cristã, pelas atitudes e pelas palavras; devem ser testemunhas de Cristo em todas as circunstâncias. Aos pastores compete serem luz e força espiritual para os leigos, serem, pelo seu comportamento e solícitude, um estimulante testemunho de Cristo e um rosto atraente da Igreja. Não devem descurar o estudo para não deixarem de dialogar com o mundo e com as pessoas de qualquer outra opinião.

2.1. Os que descuram os seus deveres terrenos, o seu compromisso com as questões do tempo presente; e os que separam a sua fé dos outros afazeres quotidianos.

2.2. Continua a ser válida, principalmente a atitude de falta de testemunho cristão de muitos empregadores, trabalhadores, políticos, gestores e funcionários, quando faltam à verdade, quando não defendem os direitos dos mais desfavorecidos, quando não trabalham afincadamente, quando valorizam os números em vez das pessoas, etc.

3. Trabalho de pesquisa dos alunos.

UM POVO TAMBÉM INFIEL

Proposta de atividade (p. 47)

1. A purificação da memória visava despertar as consciências dos cristãos diante dos compromissos do presente, para que cada um e, assim, a Igreja se converta, porque os cristãos também se sentem responsáveis pelos males do nosso tempo e pela deformação do rosto da Igreja.

2.1. Da Igreja ter sobrevivido à «incrível fileira de patifes que pulularam na sua história».

2.2 Só a presença e força de Deus na Igreja justificam a sua sobrevivência.

2.3. Resposta pessoal.

3.1. Porque Deus age, «está nas nossas fragilidades»; isto é, o Deus de Jesus continua a perdoar as nossas infidelidades e a chamar-nos de regresso à casa do Pai. E fá-lo com cada um de nós, pessoalmente.

3.2. O Deus de Jesus: um Deus amor, perdão, que nos oferece sempre mais uma oportunidade para mudarmos de rumo. Mas respeitando permanentemente o ritmo do coração do ser humano, porque o ama e espera por ele ansiosamente.

UM POVO PEREGRINO

Proposta de atividade (p. 49)

1.1. O Reino de Deus.

1.2. Jesus.

1.3. Pela unidade, pela fraternidade e pela santidade que constrói com os pés bem assentes na história e na vida das pessoas.

2. Porque a Igreja é também todos os santos que ficaram na história, é também todas as pessoas cuja fé só Deus conhece, de todos os lugares e de todos os tempos. A Igreja é uma realidade englobante e cósmica.

3. Desta forma a Igreja não pode deixar de ter presentes todas essas mulheres e todos esses homens que são «a verdadeira, determinante maioria pela qual nos orientamos. É a ela que pertencemos». São os nossos mestres de humanidade, que têm que ser escutados nas grandes decisões da Igreja.